

7 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi composta de observações, que geraram entrevistas fechadas, e que finalmente geraram questionários com perguntas fechadas e escalas de avaliação. Foram realizados vinte questionários dentro de um universo de noventa pessoas. Os dados apurados foram tabulados e geraram gráficos onde pôde-se examinar alguns padrões de pensamento entre os ciclistas.

Análise dos resultados

Nas perguntas 1 e 2, que questionam, respectivamente, sobre o número de corridas com mais de cem quilômetros feitas por ano e sobre o número de quilômetros que são pedalados normalmente por semana, as respostas levam aos resultados de 3,48 corridas de 100Kms/Ano e 249 Kms/semana na média. Essas respostas ajudam a mapear o nível de estresse físico a que os atletas deste tipo de prova se colocam, e limitam com mais objetividade o universo do estudo. É interessante notar que há discrepâncias consideráveis entre as respostas quando se analisa os dados de acordo com cada categoria. A segunda coluna da tabela 1: P1 e P2, mostra o número de respondentes de cada categoria, sendo a categoria “Iniciante” a de menor número de respondentes, com apenas um; e a “Sub 30” e “Elite” as com maior número de respondentes, com cinco cada. As colunas P1 e P2 mostram as médias das respostas dentro de cada categoria e a linha “Média” mostra a média geral de todas as categorias. Fica necessário registrar que a média geral, quando calculada com as médias das categorias, registra um valor diferente do que quando se calcula a média geral de todas as respostas (atleta por atleta). Optou-se por esse modelo de exposição porque pode-se examinar com mais clareza as diferenças entre as respostas de cada categoria.

Sobre as diferenças entre cada categoria, chama a atenção a diferença entre o número de corridas e a quantidade de quilômetros realizados pelas categorias Elite, e Sub-23. Principalmente chama a atenção o número de provas por ano da categoria Elite (7.4). Esta diferença pode servir como uma justificativa a futuras pesquisas envolvendo esta categoria somente.

	Respostas Por Categoria	Pergunta 1 (Média)	Pergunta 2 (Média)
Iniciante	1	1	100
Sub 23	2	4.5	400
Sub 30	5	3	212
Master A	3	2	233
Master B	4	3	138
Elite	5	7.4	410
Média	20	3.48	249

Tabela 1 – Quantidade de quilômetros percorridos por categoria por semana

A tabela 2 traz os resultados sobre a marca da bermuda utilizada, já que nas entrevistas ouviu-se falar muito sobre a importância das mesmas, um atleta da categoria Elite, quando indagado sobre o tema “conforto”, disse: “...me preocupo muito com meu selim e com a minha bermuda, são cuidados básicos...”, e quando indagados especificamente sobre as bermudas, grande parte mencionou a importância da qualidade do forro. Um atleta da categoria Master A, ilustrando a importância da bermuda, disse “...já fiquei muito assado, e já saí até sangrando de corridas, porque usei bermudas ruins”.

Os resultados sobre a marca da bermuda ilustram um outro aspecto interessante, quando cruzados com alguns outros comentários das entrevistas. As bermudas nacionais são consideradas, de uma maneira geral, inferiores às bermudas importadas. Por exemplo, um atleta da categoria Elite diz que “...a qualidade do forro das bermudas importadas faz diferença e ajuda a evitar assaduras.”; e um atleta da categoria Master A diz que “as bermudas nacionais são ruins”. Esses comentários feitos livremente durante as entrevistas são contraditórios em relação as respostas dos questionários (Tabela 2),

onde cem por cento das bermudas usadas eram de fabricação nacional. Destas, dentro de vinte questionários respondidos, as marcas GB e Adenosina eram as mais usadas, com sete e cinco respostas cada, respectivamente. Uma provável explicação para esta contradição é a grande discrepância de preços entre as bermudas importadas, que passam facilmente da faixa R\$100,00, e as bermudas nacionais, que costumam custar entre quarenta e setenta reais, segundo uma pesquisa informal feita em lojas especializadas no município do Rio de Janeiro.

GB	7
CT	3
FSA	4
ADENOSINA	5
OUTRAS	1(IDT)

Tabela 2 – Qual a marca de bermuda usada

Na escala de avaliação sobre o nível de importância de cinco itens de regulagem da bicicleta procurou-se listar os itens de regulagem em ordem de importância, sendo o tamanho do quadro identificado como sendo o mais importante, a altura do selim como o menos importante, e assim sucessivamente, sempre de acordo com o que se ouviu durante as entrevistas e com o conhecimento obtido no estudo das referências sobre o assunto.

Os resultados mostram que o principal item de regulagem é o tamanho do quadro, com dezessete respostas 5 e duas respostas 4, seguido da altura do selim, com quatorze respostas 4 e três respostas 5, seguido da posição do selim, com sete respostas 3 e três respostas 4, em seguida, o tamanho do avanço, último da lista, recebe uma maior importância no geral (quarenta, considerando-se os pesos de cada resposta) com sete respostas 3. E como item menos importante na regulagem da bicicleta vem o tamanho da mesa, com três respostas 3 e uma resposta 4 (trinta e oito no geral).

Esta diferença pode ser creditada a dois fatores, primeiramente a subjetividade do assunto, onde a ordem de importância varia de pessoa a pessoa; e em segundo lugar, a interdependência entre os quesitos, já que cada um deles só proporciona o máximo

conforto se todos os outros estiverem em ordem, sendo muito difícil sem exames físicos específicos isolar o causador de um determinado desconforto.

Na segunda escala de avaliação conduzida foram feitas treze perguntas. Na primeira, “Uma corrida pode ser considerada de longa duração quando é acima de 115Kms”, chegou-se a este número baseado numa média dos valores obtidos durante as entrevistas prévias, e tem o objetivo de obter um consenso sobre o que é considerado como “longa duração”. Obteve-se dezesseis “concordo plenamente”, dois “concordo parcialmente” e apenas dois “discordo parcialmente”, o que valida o valor de 115 Kms como sendo bem próximo do consenso geral entre os atletas.

Na segunda pergunta, defronte a frase: “a bermuda faz diferença para o conforto, principalmente o forro”. Dezoito concordaram plenamente e dois concordaram parcialmente. Este resultado ratifica vêementemente que a bermuda, e o forro, têm um alto valor em termos de conforto.

Na pergunta três: “A bermuda boa geralmente é importada”. Dez pessoas concordaram plenamente ou parcialmente, e nove pessoas discordaram plenamente ou parcialmente, o que leva a crer que esta afirmação não é uma opinião unânime. Talvez a polaridade **bermuda nacional versus bermuda importada** seja demasiadamente simplista, e a opinião neste caso inclua valores que não somente o conforto, mas também valores como preço e outros (valorização da indústria nacional, patrocínios, etc...).

Na pergunta quatro: “A diferença entre uma bermuda boa e uma ruim está na durabilidade”. Neste caso, novamente houve polaridade: dez concordaram de alguma maneira e nove discordaram de alguma maneira. Numa primeira análise, pode-se pensar que o assunto “durabilidade” não é significativo para os atletas, e esta foi uma impressão que o autor teve ao aplicar os questionários; mas seis respostas “concordo plenamente” refutam esta idéia prévia, deixando espaço para uma conclusão que este assunto seja tão somente uma ambigüidade de opiniões.

Na pergunta cinco: “A bermuda faz muita diferença no conforto”. Dezesete concordâncias e nenhuma discordância mostram que a bermuda é uma unanimidade como um item de conforto para os ciclistas.

Na pergunta seis: “A bermuda e o selim são as peças mais importantes para conforto”. Novamente dezesseis concordâncias e apenas duas discordâncias ilustram a importância, agora do conjunto bermuda-selim, no conforto.

Na pergunta sete: “O selim se escolhe por indicação e teste”. A pergunta foi originada por uma frase colhida da entrevista com o atleta Daniel, da categoria Elite. Treze concordâncias ratificam esta opinião, mas quatro discordâncias mostram que há espaço para uma maior discussão sobre os selins.

Na pergunta oito: “O selim se escolhe pelo material e pela leveza”. Novamente a grande maioria, dezesseis, concorda com a afirmação. As perguntas sete e oito podem ser interpretadas como duas perguntas conjuntas, demonstrando que indicação e teste, aliado ao material e à leveza, contribuem para sua escolha. Além do preço, claro. Ou do patrocínio. Não foram poucas as vezes em que os atletas disseram não ter livre arbítrio sobre a escolha de alguns componentes, sendo obrigados a usar o de seus patrocinadores.

Na pergunta nove: “O canote de carbono faz bastante diferença no conforto, pois absorve mais impacto”. Dezesesseis concordâncias e nenhuma discordância mostram que este item, construído em fibra de carbono, é identificado como um auxiliar no conforto dos atletas. Porém, devido ao seu alto custo, poucos chegam a utilizá-lo.

Na pergunta dez: “O quadro de carbono, além de leve, é mais confortável”. Novamente o material de carbono é visto como sendo um aliado do conforto, com quatorze concordâncias e apenas duas discordâncias. Isto ratifica a hipótese de que os materiais feitos em carbono influenciam no conforto dos atletas, neste caso o que ainda é mais importante pois se trata da principal peça da bicicleta. E, durante as entrevistas e

questionários, viu-se que o quadro de carbono também é um item raro nos seus equipamentos devido ao seu alto preço.

Na pergunta onze: “Acho que uma boa roda é importante para o conforto”. A roda também se mostrou um item importante de conforto, com quatorze concordâncias e cinco discordâncias. Neste caso, como aconteceu com outros itens, a resposta veio com comentários sobre o (alto) custo de uma boa roda, o que pode indicar que alguns atletas não utilizam o modelo de sua preferência.

Na pergunta doze: “Acho que uma roda feita de carbono também absorve bem as vibrações da pista”. Esta afirmação também foi feita por um dos atletas entrevistados. Nesta questão, ao se explicitar o material com o qual a roda é feita, a concordância foi maior, com dezenove respostas positivas, e nenhuma negativa. Esses dados confirmam, mais uma vez, que o carbono tem muita aceitação como um material de construção aliado ao conforto.

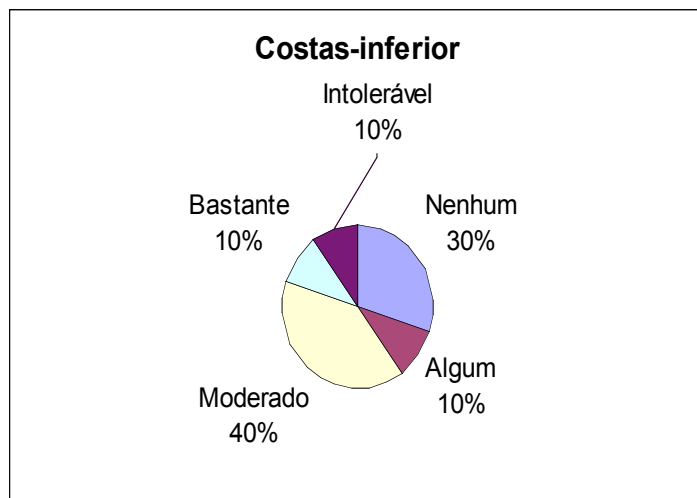
Na pergunta treze: ”A bicicleta de corrida nunca fica cem por cento confortável, pois é muito rígida”. Essa afirmação foi feita por um atleta da categoria Elite durante uma entrevista. Numa outra entrevista, um outro atleta da categoria Master A disse: ”Falar de conforto na bicicleta de estrada é complicado. É uma posição que força demais a lombar, não tem sistema de amortecimento e o pneu é duro igual pedra”. A afirmação da questão treze teve quatorze concordâncias, duas respostas neutras, e quatro discordâncias, sendo três destas “plenas”. Na ocasião em que os questionários foram feitos, os atletas que manifestaram neutralidade ou algum grau de discordância comentaram que é possível, sim, pedalar na bicicleta de estrada com conforto. Mencionaram que era uma questão de regulagem correta, hábito de pedalar (neste caso significando pedalar centenas de quilômetros por semana), e materiais corretos.

Análise dos Questionários Corlett:

Na análise dos resultados *Corlett* (Corlett, 1976), vê-se claramente que o ciclismo é um esporte com altos custos humanos. Em todos os itens da pergunta “Você sente desconforto em alguma dessas regiões?”, os que obtiveram o menor nível foram os membros “Cotovelo” e “Antebraço”, com setenta e cinco por cento de respostas “nenhum”.

Os itens que mais geram desconforto são: “Pescoço”, com quarenta por cento de respostas “nenhum”; e “Costas Inferior”, com trinta por cento de respostas “nenhum”.

O resultado das “costas inferior” (Quadro 1) é o que apresenta o quadro mais crítico, com sessenta por cento dos atletas entre os níveis “moderado”/“bastante”/“intolerável”. Logo em seguida, vem o “Pescoço”, com quarenta e cinco por cento entre os mesmos três níveis; seguindo logo atrás vem as “Costas Médio”, com quarenta por cento entre estes três níveis.



Quadro 1 – Nível de desconforto das costas-inferior

Estes quadros dizem respeito primariamente à posição do corpo sobre a bicicleta, que sobrecarrega em demasia estas áreas, e ratificam a importância das regulagens do

conjunto da bicicleta para que esta encaixe da maneira menos comprometedoras possível no corpo dos ciclistas.

No caso das coxas e das pernas, quando apenas quarenta e cinco por cento e cinquenta por cento relataram não ter nenhum desconforto, respectivamente, a origem do desconforto é, quase sempre, muscular. Durante a aplicação dos questionários pode-se constatar que, exceto em alguns casos específicos, os comentários que acompanhavam as respostas diziam respeito ao puro “sacrifício” muscular após horas pedalando.

Nas duas questões seguintes, se já houve incômodo nos últimos trinta dias ou nos últimos doze meses, o resultado em termos quantitativos são diferentes, mas em termos qualitativos mostram semelhanças.

Apesar de, numa média geral, aproximadamente quinze, entre os vinte pesquisados, responderem que não sentiram incômodos nos últimos trinta dias (ou doze meses), quando se analisa os dados percebe-se que a incidência de incômodo ocorre novamente nas áreas do pescoço, costas, e pernas.

Os motivos que levam a estas reincidências muito provavelmente são os mesmos: posicionamento naturalmente ruim para o corpo humano (Pequini, 2000) e esforço em demasia sobre as pernas.

Entretanto, nestas duas questões aparecem reclamações sobre incômodo nos olhos, tanto nos últimos trinta dias quanto nos últimos doze meses. Já que é permitido o uso de óculos escuros durante as provas, e obviamente durante os treinos, não existe o risco de se associar este incômodo específico aos raios solares. Assim como as cinco reclamações sobre incômodo na cabeça nos últimos trinta dias, e quatro nos últimos doze meses não traz à tona uma explicação provável sem maiores pesquisas sobre estes problemas específicos.

Na última pergunta do questionário *Corlett* (Corlett, 1976), sobre se algum problema levou o atleta a realizar suas atividades normais por causa de algum incômodo nos últimos doze meses, houve apenas uma resposta positiva, no pescoço. Isso indica que, eliminando-se este caso isolado todos os problemas enfrentados são contornáveis, e não retiraram os atletas de suas atividades.